

Apresentação

Duas vertentes norteiam esta coleção de estudos dedicados à história da ciência. Uma delas – expressa no volume *O laboratório, a oficina e o ateliê*, primeiro da coleção – compreende estudos propriamente ditos em história da ciência, enquanto a outra – a que damos início no presente volume – tem como cerne estudos propedêuticos, ou seja, *metaestudos* ou estudos *sobre* a história da ciência.

Merecem especial atenção esses estudos, pois, embora fundamentais, têm sido desde sempre escassos em nossa área. Escassez justificável, já que a história da ciência seria, ela mesma, um *metaestudo* sobreposto a uma complexa intersecção de diversas áreas. Estaríamos, portanto, falando de metaestudos (sempre difíceis, de por si) de um *metaestudo*, gerado e nutrido por uma rede de interfaces complexíssimas.

Além disso, a escassez desse tipo de estudos abre espaço para toda uma série de problemas que atinge desde a pesquisa e o ensino até a recepção mais geral da área. A parcimoniosa explicitação do que, como e porque é feita a história da ciência, além de dificultar seu aprendizado, empresta-lhe uma imagem de contornos perigosamente indefinidos. Seriam conseqüências dessa indefinição, por exemplo, um certo ar pré-paradigmático à moda kuhniana e uma freqüente pulverização nos esforços de pesquisa que rondam o interior da área.

No âmbito externo – ou seja, no âmbito em que se dá a recepção não especializada –, indícios claros também apontam para essa mesma imagem de contornos indefinidos como uma das principais fontes de equívocos e interpretações distorcidas. É freqüente, por exemplo, entre estudiosos de outros campos, a percepção de que a história da ciência seria algo parecido com uma antiga corporação de ofício, onde sobram segredos e faltam explicações. Uma área, portanto, fechada ao diálogo e impenetrável para os não iniciados.

Mais freqüente ainda, porque mais difundida entre o público em geral, é a visão oposta, que considera a história da ciência como um enorme guarda-chuva constituído por todo e qualquer trabalho referente à ciência: desde catálogos à divulgação e ficção científicas até ensaios ligeiros e repletos de opiniões. Ou seja: confundem-se obras que podem vir a ser *objeto de estudo* da história da ciência com aquelas efetivamente *em* história da ciência. Embora quase sempre pautada em boas intenções, essa visão tem ajudado a promover todo tipo de confusões e arrivismos. E, no calor da hora, valoriza mais um texto ensaístico do que os textos, em geral, complicados da história da ciência, pois desconhece a riqueza escondida nessa dificuldade.

É fácil notar que, por caminhos aparentemente distintos, os detentores das duas posições acima descritas chegaram ao mesmo lugar: a exclusão de textos realmente dedicados à história da ciência. Faltou a eles uma chave que permitisse entrar no instrumental, nas escolhas e nos critérios implícitos nesses textos e, normalmente, visíveis apenas aos olhos experimentados dos estudiosos. Para tanto seria preciso saber que, longe de auxiliar apenas os especialistas, os estudos e reflexões *sobre* a história da ciência se oferecem, a todos que assim quiserem, como essa chave necessária às leituras mais ricas e, portanto, mais interessantes e prazerosas.

Eis, assim, alguns dos motivos que, embora apresentados de forma esquemática, justificam a necessidade de estudos sobre a história da ciência. Um trabalho espinhoso para quem o produz, pois demanda muita reflexão e uma dose considerável de experiência.

Mas, também, um trabalho gratificante que servirá a muitos, explicando e devolvendo a especificidade da área, conquistada numa longa história de debates e mudanças.

Foi pensando nessa preciosa história de mais de um século que decidimos iniciar a nova vertente de estudos com trabalhos sobre historiografia. Porque nasceu imersa no próprio fazer científico e desde o início nutriu-se de questões filosóficas, a história da ciência teve um desenvolvimento original e próprio. Seus problemas, debates e vieses historiográficos foram, e ainda são, únicos e distinguem-se, de várias formas, daqueles contemplados pela área de história – mesmo sendo esta uma de nossas bases.

Todavia, conforme veremos em alguns dos trabalhos adiante, esse tema poucas vezes foi tratado na literatura. Muito embora seja notável o fascínio que exerce até mesmo sobre estudantes que mal saíram das primeiras aulas e já se arriscam a escrever suas “grandes” contribuições para o tema.

Mais ainda que outros estudos sobre história da ciência, porém, a historiografia demanda maturidade na área e o controle e a combinação de diferentes e inúmeros parâmetros históricos, epistemológicos, lógicos, antropológicos, além, naturalmente, dos científicos, e muitas vezes dos lingüísticos e até mesmo artísticos. Apesar de tal complexidade, ou talvez por isso mesmo, vem do conhecimento historiográfico a clareza sobre os processos e as escolhas que constituíram e constituem o fazer da história da ciência.

Ao revelar esse tecido interior, a historiografia torna visíveis, por exemplo, os diferentes critérios e motivações – quase sempre implícitos – que, ao longo de mais de um século, provocaram mudanças significativas nas obras da área. Mas, sobretudo, a historiografia torna visíveis o lugar e o contexto dessas obras, no eixo temporal, devolvendo-lhes a cor, o peso e a dimensão originais e invalidando comparações inócuas. Em suma: a historiografia pode ser considerada um penetrante instrumento crítico, mas também um poderoso instrumento de análise para a história da ciência.

Por esse motivo, buscamos oferecer aqui uma seleta de estudos que, embora pequena, reflita o significado monumental do tema.

Como um sinal do interesse que o tema desperta, tivemos a satisfação de ver nossos convites – distribuídos de forma criteriosa e avarenta – aceitos por nomes representativos da área. Abrem esta seleta dois estudos, o primeiro de A. G. Debus e o segundo de P. Rattansi, autores, eles próprios, de grandes transformações historiográficas. Considerando a longa tradição da escrita da história da ciência e da medicina, A. G. Debus aborda, em seu estudo aqui publicado, as diferenças entre os tipos de histórias científicas escritas desde o final do século XVI até as primeiras décadas do século XX. Nessa época, a história da ciência passaria a constituir uma área específica de pesquisa, guardando ainda marcas da influência das histórias científicas do Iluminismo e do início do século XIX. No segundo estudo que compõe a presente seleta, P. Rattansi coloca em cena um dos mais calorosos debates sobre as origens da ciência moderna. Tal debate, centralizado na presença de idéias herméticas, alquímicas e neoplatônicas no pensamento de personagens tais como Giordano Bruno e Isaac Newton, foi levantado a partir das transformações na historiografia da história da ciência propostas especialmente nos anos 60 do século XX. Essas transformações historiográficas são analisadas no terceiro estudo apresentado nesta coletânea, elaborado por Ana Maria Alfonso-Goldfarb, Márcia H. M. Ferraz e M. Helena R. Beltran. Ainda nesse mesmo estudo analisam-se as tendências atuais da nova historiografia da história da ciência e, especialmente, seus reflexos nas pesquisas sobre a história das ciências da matéria, apresentando a proposta historiográfica que fundamenta o Projeto Temático “As complexas transformações da ciência da matéria: entre o compósito dos saberes antigos e a especialização moderna”. No estudo seguinte, elaborado por Celina Lértora, é apresentada uma discussão profunda sobre os aspectos epistemológicos da historiografia no século XX, no que se refere especificamente à história da ciência medieval – tema que, apesar de sua relevância, raramente comparece nas publicações dedicadas à história da ciência.

Os estudos que se seguem focalizam relevantes discussões historiográficas atuais referentes à interface ciência, história, cultura e sociedade. No primeiro deles, escrito por Roberto Martins, relações entre ciência e história são abordadas de forma a analisar as diferentes formas de se escrever sobre a história da ciência e, assim, avaliar as tendências atuais na historiografia da história da ciência.

Os três estudos finais que compõem esta seleta tratam de abordagens específicas daquela interface. Inicialmente, as relações entre ciência e cultura (ou culturas) manifestadas no processo de especialização dos conhecimentos durante o século XIX são discutidas no estudo de David Knight. A seguir, as bases da proposta historiográfica ligada à etnomatemática e ao estudo da história da ciência nos países periféricos são apresentadas por Ubiratan d'Ambrósio, pioneiro nessa área. Por fim, as relações entre valores epistemológicos em ciência e valores sociais é analisada por Eulália Pérez Sedeño, a partir dos estudos sobre o papel das mulheres na ciência e na indústria norte-americanas do início do século XX.

Enfim, para compor este volume, foram selecionados estudos que representam as principais tendências, propostas e atuais discussões historiográficas chave para futuras leituras em história da ciência.

Ana Maria Alfonso-Goldfarb
Maria Helena Roxo Beltran
organizadoras